

**O MITO DA SAUDADE
AMBIVALÊNCIA CRIATIVA EM TEIXEIRA DE PASCOAES**

Roberta Almeida Prado de Figueiredo Ferraz (USP)

PREPARAÇÕES...

Esperamos, com este texto, apresentar um esboço de leitura sobre o mito da Saudade enquanto ambivalência criativa em Teixeira de Pascoaes e, também, apresentar os caminhos envolvidos nessa busca. Para tal, percorremos os textos do poeta acerca da dimensão mítica e sua importância para revelação e ativação do homem, além de sua obra poética, sua "teodicéia", como sugeriu Sant'Anna Dionísio, e seus textos escritos para o editorial da revista 'A Águia'. No percorrer desse estudo, pudemos perceber que a Saudade, em Pascoaes, é tanto palavra-mãe de uma identidade essencial portuguesa como também elixir místico da compreensão e criação da condição humana. É numa ambivalência criativa que rodam os 'sentidos' da Saudade: ora circunscritos à uma dinâmica local, portuguesa, histórica, ora liberados no ideal universal, humano e trans-histórico. Duas maneiras distintas de trabalhar textualmente o mito: numa dimensão cultural e histórica visando à gnose nacional e noutra dimensão metafísica e trans-histórica, visando à gnose do homem como ser universal.

Nessa longa caminhada montanha acima, fomos 'encontrando' auxiliares à essa jornada. Entre eles, escolhemos como principais as leituras de Eduardo Lourenço, acerca de Pascoaes e da relação do homem com o tempo histórico e o tempo poético; Gilbert Durand e sua compreensão dinâmica do imaginário e sua leitura sobre a função do mito; e o pequeno livro intitulado "Caibalion", escrito pelos 'três iniciados', no qual são tateados os princípios da doutrina hermética da antiga Grécia e Egito.

Essa bagagem acolhida para a travessia da montanha pode parecer absolutamente arbitrária e subjetiva. De fato, o é. A primeira pedra vista e tocada no percurso foi aquela com a voz de Pascoaes alertando seu leitor: "Sem simpatia não há compreensão, não há luz nos olhos nem transparência nas coisas. Ver é ver amorosamente". (Pascoaes, 1993: 5)

Tentamos, portanto, uma aproximação 'simpática', na qual o critério crítico anseia por vincular-se à pele de uma leitura feita como comunhão.

Intencionamos compreender como a ambigüidade do mito e a ambigüidade da obra de Pascoaes problematizam uma leitura unilateral ou separatista do 'mito da Saudade'. Desvendando as diferenças entre as leituras do mito em sua obra, encontramos a expressão de uma consciência poética pendular, ritmada entre o Todo e as Partes, o Absoluto e o Relativo, configurando o 'mito da Saudade' como mito poético que abrange, portanto, uma pluralidade de direcionamentos de leitura, uma abertura irreduzível. Concordamos, de uma maneira geral, com Pinhoranda Gomes, quando, no prefácio de *O Homem Universal*, diz que Pascoaes contempla as diversas coisas em principalmente dois planos:

Pascoaes olha e contempla todas estas coisas em vários planos, especialmente em dois: o extrínseco, que se acha à sua volta, na natureza e na história, e o intrínseco, que se acha no seu próprio discurso poético, num ato de refração analógica e mística. (Pascoaes, 1993: 3)

Num primeiro momento, veremos como se constrói, no pensamento filosófico e poético de Pascoaes, a Saudade no contexto de *A Águia*. Nele, o mito vai se fundamentar no consagrado vocabulário da identidade histórica nacional: descobrimentos, navegações, Camões, Afonso Henriques, Viriato...: tudo ao redor da 'era Lusíada' que está para se levantar'. O mito é tecido como mito teleológico de um povo, de uma raça, de uma nação que, em Pascoaes, está num estado de extrema cautela, sendo fundamental renovar a identidade e a 'crença' nessa alma identitária.

Já num segundo momento, veremos como, nos textos poéticos, o mito da saudade assume outros contornos. Rompe com o domínio do exclusivo português, manifestando-se no "homem Universal" enquanto consciência mística do Todo. Nestes textos, a Saudade está além das aparências contraditórias, além do fenômeno e além da língua: é a revelação possível, ao homem, do Instante.

Para concluir esta apresentação faremos o rascunho de uma leitura da obra de Pascoaes como um todo. Em seu conjunto, a obra desse 'pensador sentimental', como ele a si mesmo se referia, nos revela as ambigüidades que rodeiam a poética do mito da Saudade. É

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

nesse eixo das ambigüidades que nos parece ser possível captar a grandeza e modernidade de sua obra. Uma obra que nos deixa perceber uma consciência poética já afinada a um desmembramento do sujeito moderno ainda que cante o verbo da essência e do absoluto. Uma obra de uma densidade quase opaca por pôr em contato íntimo as extremidades de coisas aparentemente opostas. Uma obra, que, tendo como eixo o mito da Saudade, peregrinou segundo o princípio hermético da reconciliação e ritmo na lei do Paradoxo.

A SAUDADE LOCALIZADA NA SUPERFÍCIE: ALMA PORTUGUESA

A Saudade, enquanto alma da identidade coletiva portuguesa, fundamental para a 'regeneração' ou 'renascença' do ser nacional e da própria nação, é a criação do homem identificado e preocupado com seu contexto. Nele, Pascoaes elabora a compensação do imaginário português. Se predomina o tom do desânimo em relação ao destino pátrio diante da fragilidade política da recém república, Pascoaes reinventa o olhar para o passado como lance ao futuro, ajustando os nódulos derrotistas à natural experiência dolorosa humana e propondo uma solução: renascer através da ativação da essência portuguesa como motor do agir nacional. A formulação criativa do mito da Saudade, remanejando tradicionais 'lugares' da cultura portuguesa, é uma maneira de 'dar vida ao mito', maneira que, segundo Gilbert Durand, não só exige uma atualização como uma convicção em seu potencial direcionador. Durand (2000) define o mito como uma sendo uma narrativa investida de pregnância simbólica, narrativa não demonstrativa, mas "visionária". O mito vivo é aquele que carrega sementes de uma 'crença' de que seu verbo, de fato, presentifique e possibilite que seja vivenciado o que foi verbalizado. No caso, trata-se da convicção no poder regenerador da nação portuguesa, tal como entoa o mito. O tom dos dizeres míticos de Pascoaes exalta, portanto, o momento e a qualidade heróica que se desdobra dele:

O momento atual, a 'Hora do Infante' (...) é assinalado pela revelação da alma portuguesa, do espírito da Raça, que se tornou, enfim, consciente, que subiu à superfície da vida, cantando pela boca inspirada dos nossos actuais poetas que criaram, em Portugal, uma nova e original Poesia: a religiosa poesia portuguesa. (...) Nestes Poetas que formam, por assim

DEPARTAMENTO DE LETRAS

dizer, um Camões coletivo, o espírito lusitano sentiu-se revelado e dilatado. (Pascoaes, 1988: 48)

Pascoaes afirma que só a revelação da Saudade poderá proporcionar uma renovação na arte, na religião e na política nacionais:

Eu acredito na grandeza do momento actual, porque só agora é que a Raça portuguesa, representada pelos seus Poetas que são a sua florescência, principia a sentir-se verdadeiramente revelada. Só agora ela sabe quem é; porque só agora a Saudade lhe falou, dizendo-lhe o seu antigo segredo... (Pascoaes, 1988: 37)

Rodeado pelos ares decadentistas e pessimistas, soprados desde as últimas décadas do século XIX³, vivenciando o encontro dos trens da velocidade com o esmorecimento das tradições vistas como 'anacrônicas', Pascoaes estabelece um marco central - o seu Marão - sobre o qual é águia que vê, de todas as direções, e nesta visão de perspectiva, ajusta a sua balança. A sua própria, enquanto homem português, mas também, como veremos, enquanto homem "universal", já que, não devemos nos esquecer que "A visão messiânica de Pascoaes aponta prioritariamente para uma trans-história, e o seu messianismo para o temporal exige a necessidade do universal." (Pascoaes, 1993: 4).

Em nome da 'essência portuguesa', Pascoaes anuncia-se como exímio cidadão do Porto. Dirigindo a revista 'A Águia' entre 1912 e 1916, erguerá, durante este período, suas mangas e trabalhará ininterruptamente a terra de seu pensamento poético. Verá o Norte como 'regenerador' dos ares entupidos de estrangeirismos em Lisboa e Coimbra e alertará para os perigos escondidos no deslumbramento com as 'falsas pérolas' da modernidade. A essa postura poética, preferimos o olhar leitor que a entende enquanto dinamizadora de um equilíbrio almejado - como resposta às contradições suscitadas pela modernidade. Dentro dessa perspectiva do mito em Pascoaes, lembro da

³ Desde os 'Vencidos da Vida' e alcançando extremos com o 'Ultimatum', o ânimo português encontra-se em estado de lástima perante o ideal imaginário de um passado glorioso. As dificuldades em suplantam a monarquia, e, quando conseguida, as dificuldades em organizar a nova república - feita de um constitucionismo mais teórico do que prático - acabam por acentuar o imaginário derrotista em relação às condições de Portugal frente à modernização em andamento em outros países europeus tidos como 'modelo'. A consciência do 'fim do grande império' e a necessidade de rever as dimensões nacionais provocarão vozes de uma profunda acidez e condenação em relação ao passado português e outras vozes, que pelo contrário, buscarão nesse passado raízes de uma revitalização.

leitura de Gilbert Durand para o qual, depois da onda de 'desmitologização' do pensamento realçada pelos "*dogmas totalitários*" do progresso técnico, a reação para o fortalecimento da credibilidade na dimensão mítica ocorrerá por meio de uma cumplicidade entre poesia e mito. Em Pascoaes aparece essa vontade de conciliação, ou seja, de continuidade entre os valores tidos como essenciais de sua cultura e a atualidade de seu contexto histórico. Isso nos permite ler, portanto, nestes textos publicados n' *A Águia*, a emergência de um esforço de revalorização do imaginário nacional, que se dá por meio da elaboração poética do mito da Saudade, compondo-o com um material simbólico muito amparado num determinado contexto.

Mostrando-se crente em um Portugal 'real' de uma vivência histórica 'específica', despe-se da consciência do Instante Universal - que veremos ser o grande símbolo do mito da Saudade em sua obra poética - e pisa no Tempo fragmentado acenando para um futuro linear progressivo, escrito em seqüências de começos e fins. Pascoaes fala então em "caráter étnico", "direito de nascimento" e "objetivo civilizacional" enquanto eixos do resgate harmônico da vivência lusitana.

Por mais que este homem agindo nos territórios da matéria se esforce por delinear sua concepção de regeneração pátria pela Saudade, a vagueza e tom metafórico com que a define não permite, ao leitor, excluir de sua leitura a fundamental dimensão mítico-poética. Vejamos como o poeta se refere ao sentido de sua 'Saudade':

Não me cansarei de afirmar que a 'Saudade' é, em sua última e profunda análise, 'o amor carnal espiritualizado pela Dor ou o amor espiritual materializado pelo Desejo; é o casamento do Beijo com a Lágrima; é Vênus e a Virgem Maria numa só Mulher. É a síntese do Céu e da Terra; o ponto onde todas as forças cósmicas se cruzam; o centro do Universo: a alma da Natureza dentro da alma humana e a alma do homem dentro da alma da Natureza'. A 'Saudade' é a personalidade eterna da nossa Raça; a fisionomia característica, o corpo original com que ela há-de aparecer entre os outros Povos. (...) A Saudade é a manhã de nevoeiro; a Primavera perpétua, 'a leda e triste madrugada' do soneto de Camões. É um estado de alma latente que amanhã será Consciência e Civilização Lusitana... (Pascoaes, 1988: 39).

Percebemos aqui o cruzamento de duas diferentes compreensões da Saudade. É com um misto de local e universal, em última instância, que o poeta canta sua musa. Uma materializada na condi-

ção da existência portuguesa e sua manifestação num destino de progresso civilizacional; e outra espiritualizada na compreensão cósmica do ser humano em relação com a natureza e o cosmos. Esse segundo olhar é o que prevalecerá na obra poética de Pascoaes.

Enquanto o poeta habita, em sua poesia, os paradoxos do enigma humano e percebe que em seu mover-se não há centro ou circunferência limitada, o homem português amarantino pisa a terra com o pé de carne e osso, escolhendo caminhar em uma direção única e definida, fundando um pensamento que se quer ativo no decurso histórico. Talvez seja essa, como sugere Eduardo Lourenço, a diferença entre o poeta e o filósofo. Lourenço, em *Tempo e Poesia*, reflete sobre a relação entre homem e tempo. Afirma que o tão almejado Instante não é esse que acaba assim quando surge. Para ele, o paradoxo do Instante "é o de nunca ter principiado e não poder ter fim". É a eternidade na qual deslizamos.

A relação do homem com esse Instante, essa "radical imobilidade" mascarada em fragmentos de tempos, esse 'absoluto' enigma, encontra, ainda segundo Lourenço, a sua mais sensível figura na 'Saudade' de Pascoaes:

Para a radical imobilidade da nossa vertiginosa vida e para o gritante silêncio com que clama absurdamente por si mesma, onde encontraremos uma mais sensível figura que nessa Saudade em que o mesmo Pascoaes resumiu o nosso ser profundo? Enganam-se os que vêem nela apenas a disposição anímica prevalente da nossa particular existência. É só uma atenção aguda ao que ela traduz o que nos pode ser imputado. Enganam-se mais ainda os que nela denunciam a mera complacência pelo nosso passado. A Saudade é a sensível existência humana, a si mesma inacessível e próxima". (Lourenço, 1973: 13)

Se o poeta vive a quimera da condição poética, o homem 'engajado' aceita iludir-se fragmentando a unidade em diversos dualismos.

A idéia da alma portuguesa forma-se com elementos absolutamente vinculados às idéias de origem, identidade e nacionalidade. Incrível como, aqui, a 'alma' desce e infiltra os domínios políticos e culturais da 'história'. Serão esses os elementos constituintes do mito. É interessante percebermos como, nestes textos d'A Águia, as idéias conceituais de 'mito', 'alma', 'poesia', 'língua', 'identidade', 'nação' são articulados enquanto membros de um corpo total, ou melhor, enquanto partes de um 'Ser português' que se exerce pela consciência

criativa da Saudade. É assim que Pascoaes tenta equilibrar as lentes da auto-imagem portuguesa, já que, como diz Lourenço "nenhum povo pode viver sem uma imagem positiva de si próprio".

Se a Saudade, como vimos, deixa de ser apenas um 'sentimento' para se tornar mito da 'alma' da raça, ela só o é, convém frisar, enquanto criação poética. Faço a passagem para a leitura da obra poética com um comentário de Jorge de Sena. Diz ele que a Saudade

(...) não é só um sentimento especial, nem sequer aquela aptidão de apreensão sensível do mundo, exclusiva de portugueses e sebastianismo disfarçado, que polemicamente e por extrapolação dos termos de Pascoaes, se quis e quer ver nela: será, antes, na poesia de Pascoaes, o sentido humanizado do mundo, esse mundo, do qual os mitos arquetipicamente simbolizam a ondeante e rígida estrutura (Pascoaes, 1965: 67).

A SAUDADE UNIVERSALIZADA NA PROFUNDIDADE: CONSCIÊNCIA HUMANA

Na obra poética de Pascoaes encontramos um sujeito que se permite 'viver o paradoxo'. Não se deixando congelar pelas formas aparentes da matéria, esse sujeito poético busca, na poesia, anunciar o verbo originário que torna a treva luminosa. A Saudade assume um semblante místico de memória ativa do Instante Criador, da eternidade imóvel e única sob a qual as 'formas' vivem sua noite dolorosa. Só pela consciência da Saudade é que se pode percorrer o caminho ascético à verdade do Ser. Esse caminho, essa possibilidade de comunhão, se dá pelo 'cantar', que, ainda que seja fugaz, é já certo pacto de comunhão fazendo ecoar na natureza a essência divina. É a palavra poética da saudade que, em seu silêncio, paira sobre tudo e em sua voz, passa rapidamente e sobe como uma reza, como nos mostra seu poema "Sempre III":

(...)
Paira, em tudo, uma voz emudecida...
E essa voz, que é penumbra
E já foi luz e vida,
O meu inquieto espírito deslumbra,
Para que ela traduza a Deus, numa oração,
A dor da Criação...
(...)

Ó drama de existir! Mistério! Alto segredo!

DEPARTAMENTO DE LETRAS

E rezo a estrela, a pedra, a flor acesa
A urze dos montes,
As claras fontes,
A aurora da alegria, o poente da tristeza.
E nas preces que eu rezo, com fervor,
Deus revive e liberta-se da Cruz.
E a Deus regressa a terra, a pedra, a flor,
A luz... (Pascoaes, s/d: 80).

Não mais instrumento de um lugar único português, o mito desdobra-se em mito original da condição humana, no qual o ser meditativo alcança a consciência do absoluto e do relativo, de suas manifestações profundas da 'essência' e seus entraves doloridos e trágicos na matéria. A Saudade é vislumbre desse Instante onde o encontro entre a sombra e a luz é eterno e o paradoxo não se resolve em síntese:

Por isso, eu amo tanto
As horas de saudade em que medito,
E julgo ouvir misterioso canto
E me perturba a sombra do Infinito. (Pascoaes, s/d: 13).

O contato meditativo com a harmonia é também a perturbação que ela provoca. Assim se emparelham as polaridades nesse lirismo guiado pela Saudade. Coincidência dos opostos. Coincidência sentida como dor, na matéria e na natureza, já que equivalente à ausência; radiante, enquanto resgate impossível e esperançoso do espírito livre da matéria, na matéria.

Enquanto na obra programática, de feição filosófico-poética, podemos evidenciar a preponderância da Saudade enquanto mito da essência portuguesa, tangenciando o arcabouço histórico e mostrando-se, portanto, na superfície da matéria, enquanto parte e identidade local; iremos agora observar como se dá o mergulho da Saudade na profundidade, como mito da essência humana. Retomando o mito platônico da caverna, o eu poético surge, em primeira instância, enquanto contemplação do mundo das sombras na exterioridade da caverna e na interioridade de seu ser. Ao perceber-se em semelhança, em correspondência com as outras coisas feitas de 'sombras', vê que essas sombras vão 'tomando formas estranhas', nascendo para a materialidade. O momento desse nascimento é o momento da 'descoberta' hermética das correspondências: "Em cima, - o riso eterno da Ilusão; / Em baixo, - a eterna Lágrima ilusória" (Pascoaes, s/d: 35). No

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

susto da descoberta, o sujeito grita e desse grito, que é filho da Saudade, nascem as coisas em matéria:

Numa caverna escura,
Aberta em rocha dura,
Ganham formas fantásticas as cousas...
E, em vagas atitudes misteriosas,
Dançam ígnoras sombras, nas paredes.
Também no meu espírito profundo,
Íntima gruta murmura de sêdes,
Tudo o que ele criara e tudo quanto
Descobre nosso olhar;
A estrela de alva, a pedra do meu lar,
A Saudade que é mãe do nosso canto
E a eterna luz do mundo,
– Toma formas estranhas, sem sentido,
Que nunca imaginei...
E vendo-as, dentro em mim, surpreendido,
Eu tive medo delas, e gritei... (Pascoaes, s/d: 79)

A origem, o impulso, portanto, do ser material e de seu canto é a consciência saudosa. O paradoxo se instala: ao mesmo tempo que a consciência da Saudade provoca no ser sua materialização, seu nascimento para forma, a mesma consciência o liberta das aparências fugidias desse nascimento, dessa matéria, já que rememora a origem das sombras dançantes. Porém, depois do grito, do Verbo, a única libertação possível faz-se pela matéria, por meio da dor, pela palavra 'orada'. Assim, se a "Saudade é mãe do nosso canto", a "dor é Mãe de tudo". Uma vez encarnado o verbo, as sombras luminosas materializam-se e o retomar da consciência perdida acontece pelo sofrimento:

Ó dor indefinida
Da sombra que projectas,
Nasceu aquela aurora anoitecida,
Que ainda ouvimos chorar, no verbo dos Profetas.
É a dor, humanizada e trágica, rezando;
A dor que sobe além da própria dor,
Nas trevas infinitas, desenhando
Paraísos de luz, edades de ouro em flor! (Pascoaes, s/d: 7)

Segundo os preceitos herméticos, o "todo", cuja natureza íntima é ser incognoscível, está encoberto sob as aparências do tempo, do espaço e da mobilidade. Entre o 'todo infinito' e o 'finito fragmentado' há a lei de correspondência e polaridade. Assim, o ponto de vista 'absoluto' é correspondente ou análogo ao ponto de vista 'relativo'.

Como diria José Marinho, "*ter saudade é ter consciência ao mesmo tempo da cisão e da univocidade*" (Quadros, 1979: 71). Dessa mesma maneira, são análogos os aspectos de Estado e os aspectos de Existência. Pascoaes revela-nos uma compreensão bastante próxima desses ensinamentos herméticos em seus poemas e em sua obra *O Homem Universal* na qual pretende 'explicar' seu pensamento poético:

Atingimos o Nada, a Unidade, a Divindade. Mas temos de admitir o nada cheio de tudo, a unidade cheia de variedade, o simples muito complexo e a divindade em farrapos humanos e desumanos. Atingimos o absurdo natural, o lógico paradoxo, em que a Existência a si mesma se desvenda, por intermédio da nossa alma. (Pascoaes, 1993: 10).

No entendimento de Pascoaes, o 'todo' ou o 'Instante', seguindo o pensamento de Lourenço, não pode ser vivido nas percepções do tempo da superfície das coisas, o tempo fragmentado. Porém, ele pode ser 'lembrado', por intermédio da alma poética. No instante em que a existência é a saudade da criação, brota a flor da poesia.

Afilhado a um hemisfério platônico que nele acabou por servir a concepções pagãs, místicas e heterodoxas, Pascoaes faz da saudade o lugar do encontro humano entre matéria e espírito. A saudade faz-se símbolo principal do mito da condição humana, memória do tempo anterior à queda e anterior à criação, possibilitando a ascensão pela matéria quando é retirada dela o véu de carne e morte que lhe cobre a vida. A Saudade é o símbolo, e neste caso, exercendo, de fato, a função simbólica de 'mediadora', de intermediário, de 'linguagem' que intenciona comunicar indiretamente a 'essência' vedada das coisas. Vedada e triste, da qual a natureza e a 'paisagem do Marão' são a evidencia.

CONCLUSÃO

O MITO DA SAUDADE, AMBIVALÊNCIA CRIATIVA

O que procuramos mostrar é que este mito da Saudade, já lido, por alguns críticos, como o "erro" de Pascoaes, não se sustenta apenas por uma leitura que identifique nele um programa puramente doutrinário e pragmático, visando a prática nacional. Tendo em vista a explosão de significados que a Saudade assume na obra poética, tornando 'ambivalente' o mito, ensaio ler no conjunto da obra de

Pascoaes muito mais uma ação criativa cheia de paradoxos do que uma proposta de “místico-romântico-nacionalista”. Importa notar que, nessa diferença da Saudade, ou melhor, nessas “saudades”, podemos espiar um escritor que se supera, pois se diferencia atuando criativamente em diferentes planos. Se a Saudade, absolutamente criativa em sua poesia, manifesta uma compreensão do ser enquanto espécie humana, enquanto ‘homem universal’, nós leitores começamos a duvidar um pouco da ferocidade ultra-nacionalista particularizada no ser português da qual a Saudade é essência, na obra escrita para ‘A Águia’.

Essa ambivalência da Saudade permite que nós duvidemos do caráter assertivo e pragmático daquele primeiro Pascoaes. Nesse trânsito pendular entre a particularidade da Saudade portuguesa, atualizada no mito da renascença da nação em seu contexto, e a universalidade “ontofânica” da Saudade enquanto mito da consciência humana, percebemos uma ação demasiado criativa.

É fundamental, portanto, de ressaltar o caráter altamente poético de toda a produção de Pascoaes. A mitificação da Saudade nos textos programáticos da revista nos revela, quando não perdemos a órbita de sua obra poética, o quanto uma leitura isolada de A Águia pode nos enganar.

É por meio do mito da Saudade, em suas diversas manifestações criativas, que Pascoaes parece exercitar o equilíbrio dinâmico de contrários, o equilíbrio entre tradição e modernidade, entre tempo histórico e tempo trans-histórico. Esse desejo de equilíbrio se dá pela poesia. É ele a ave da ascensão e da expiação da matéria ‘ensombrada’. O reajuste constante de si em seu tempo é construído esteticamente.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURAND, Gilbert. “Mito e Poesia”. **In:** *Campos do Imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

LOURENÇO, E. *Tempo e poesia*. Lisboa: Relógio d'Água, 1973.

PASCOAES, Teixeira de. *A saudade e o saudosismo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

———. *O homem universal e outros escritos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993.

———. *Poesia*. Col. “Nossos Clássicos”. Rio de Janeiro: Agir, 1965.

———. *Sempre / Terra proibida*. Paris-Lisboa: Aillaud e Bertrand, [s/d.].

QUADROS, Antonio. **In:** *Pascoaes – comemoração do 1º centenário de nascimento do poeta*, 1979.

(TRÊS INICIADOS). *O Caibalion: estudo da filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia*. São Paulo: Pensamento, s/d.